

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Irã rejeita negociar após fracasso de ataques dos EUA

Nova pausa nos embates fez o preço do petróleo recuar no mercado

/ ORIENTE MÉDIO

Apesar de Donald Trump ter suspenso no fim de semana os ataques pontuais ao Irã, após ter sido advertido pela cúpula militar dos Estados Unidos de que a campanha não estava tendo efeito, o governo da teocracia rejeitou ontem reabrir negociações de paz.

Já o presidente americano disse ao site Axios que “está em conversas muito profundas com o Irã” e que pode tomar “ação militar forte” se não houver avanços. Ele já afirmou isso antes, inclusive na semana passada. “Não [darei] muito tempo. Ou vai rapidamente, ou não vai”, completou.

O porta-voz diplomático do Irã, Esmail Baghaer, também afirmou que seu país irá cessar os ataques retaliatórios contra no Golfo Pérsico enquanto Trump fizer o mesmo. Ainda assim, grupos regionais ligados a Teerã fizeram lançamentos pontuais de drones contra aliados americanos na região, em um aparente teste de estresse.

A campanha americana havia começado após o republicano declarar nulo no dia 8 o cessar-fogo de 60 dias que havia sido assinado entre os rivais em 17 de junho. O acordo ratificava o congelamento da guerra na região, cuja fase mais aguda durou cinco semanas a partir do primeiro ataque dos EUA e de Israel, em 28 de fevereiro.

Os EUA impuseram um bloqueio aos portos iranianos e Teerã disse ter fechado novamente o Es-



KHALED ZIAD/AFP/IC

Governo iraniano afirma que ainda controla o Estreito de Ormuz

treito de Ormuz, via por onde 20% do petróleo e do gás natural liquefeito do mundo passavam antes da guerra. A nova pausa nos combates, iniciada na noite de sexta, acalmou um pouco os mercados, fazendo o preço do barril do tipo Brent cair para pouco menos de US\$ 90.

Segundo relatos na imprensa americana ao longo do fim de semana, a pausa decorreu de um alerta de Dan Caine, o principal chefe militar dos EUA. Segundo o general, já não havia mais alvos para os bombardeios pontuais dos últimos dias, e havia risco de exaustão de defesa antiaérea na região.

Ontem, ao jornal Washington Post, Trump previsivelmente negou o problema: “Temos muito mais munição do que precisamos”. A campanha retaliatória do Irã foi particularmente punitiva, atingindo bases americanas na Jordânia,

Kuwait e Bahrein, matando oficialmente quatro militares - os relatos de danos são muito censurados, mas imagens sugerem que aeronaves e radares foram destruídos.

Ao rejeitar inicialmente e em público conversas, a teocracia busca estabelecer uma posição de força e cantar uma vitória diplomática sobre os americanos, dado que resistiu à campanha de ataques.

Além disso, Teerã viu a renovada disputa entre seus aliados houthis do Iêmen e a Arábia Saudita jogar ao seu favor, com o perigo de interrupção na exportação de petróleo pelo mar Vermelho. Enquanto as declarações são feitas de lado a lado, ainda há pontas soltas no Oriente Médio. O Irã diz que ainda controla Ormuz e que, ontem, mandou seis navios que tentavam deixar a região sem sua autorização darem meia-volta.

França e Espanha seguem em alerta de incêndios diante de nova onda de calor

/ CLIMA

Prestes a enfrentar mais uma onda de calor, Espanha e França ainda tentam controlar incêndios florestais que atingem diversas áreas dos dois países. O presidente francês, Emmanuel Macron, realizou ontem uma reunião de emergência com integrantes de seu governo para discutir o combate às chamas em Gironde, no sudoeste do país, e em outras regiões afetadas. Após a reunião, Macron viajou para a região Sudoeste, onde as chamas obrigaram cerca de 220 mil pessoas a deixarem suas casas. Ele deve prestar apoio às equipes mobilizadas e às autoridades locais. Em Gironde, o fogo já consumiu uma área quatro vezes maior que a de Paris.

As autoridades da região informaram que a situação durante a noite permaneceu “globalmente estável”, uma mudança em relação aos dias anteriores, quando o incêndio, que avança desde a semana passada, chegou a apenas 15 quilômetros dos arredores da cidade de Bordeaux, na região vinícola.

No entanto, o ministro do Interior da França, Laurent Nuñez, afirmou que ainda há muito trabalho pela frente. “Não houve progresso durante a noite”, disse Nuñez. “Temos que permanecer muito concentrados, muito determinados, para atacar a qualquer momento.”

Nenhuma nova área precisou ser esvaziada. Mas, com a França prestes a entrar no pico da temporada turística de agosto, as autoridades de Gironde trabalham para manter os turistas afastados da região.

Na região de Landes, centenas de bombeiros avançam no comba-

te a outro incêndio de grandes proporções, mas menor que o da vizinha Gironde. As autoridades locais informaram que houve chuva durante a madrugada e classificaram as condições como “favoráveis” para o combate às chamas. Ainda assim, alertaram que o cenário pode mudar rapidamente. A França teme que a situação piore com a chegada de uma nova onda de calor, que deve trazer temperaturas acima de 40°C a partir de hoje e dificultar ainda mais o combate às chamas.

Na Espanha, incêndios florestais queimam sem controle nas proximidades de Madri e na região de Valência. As autoridades retiraram 76 mil pessoas de suas casas e determinaram que outras 30 mil permanecessem confinadas em suas residências. Apesar de as chamas ainda não estarem sob controle, parte dos moradores que receberam ordem para deixar suas casas na região de Madri puderam retornar ontem.

O incêndio na província de Ávila, ao oeste de Madri, já é considerado o pior da história do país, com mais de 50 mil hectares devastados - uma área equivalente a cinco vezes o tamanho de Barcelona. No Leste do país, perto de Valência, os bombeiros também combatiam outro incêndio de grandes proporções, que já atingiu mais de 6 mil hectares e forçou a retirada de pelo menos 15 mil pessoas.

Apesar do avanço no combate às chamas, a Espanha também deve enfrentar uma nova onda de calor a partir de amanhã, que deve permanecer pelo menos até domingo, podendo levar as temperaturas aos 40°C, aumentando o risco de incêndios a níveis extremos.

Embaixador da Argentina no Brasil é chamado

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, convocou o embaixador da Argentina no País, Daniel Raimondi, e transmitiu ao diplomata estrangeiro a repulsa do governo brasileiro à fala do presidente argentino Javier Milei, feita durante visita do chefe de Estado a São Paulo.

“Não há precedentes de um presidente estrangeiro que, em território nacional, enfeixe agressões e ofensas ao Chefe de Estado, às instituições democráticas, inclusive ao Poder Judiciário, e ao povo brasileiro”, diz nota do Itamaraty.

Na diplomacia, o ato de convocar embaixador de país estrangeiro expressa descontentamento em relação ao governo que ele representa.

Milei veio ao Brasil para participar do lançamento da candidatura à presidência da República do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, preso e condenado por tentativa de golpe de Estado, entre outros delitos.

Em seu discurso no evento, Milei ofendeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva com, entre outros termos, de “presidiário”. Além disso, chamou o ministro do Supremo Tribunal Fede-

ral (STF) Alexandre de Moraes, relator da trama golpista, de “lixo careca”.

Além de convocar o embaixador da Argentina no Brasil, o Itamaraty também chamou ao Brasil o representante brasileiro em Buenos Aires, Julio Bitelli. A reunião do chanceler Mauro Vieira com Bitelli deve ocorrer nos próximos dias.

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Edson Fachin, divulgou nota oficial em que classifica como “referência desrespeitosa” a declaração do presidente da Argentina, Javier Milei, sobre o ministro do STF Alexandre de Moraes.

Lula diz que Brasil ‘retomou presença na Ásia’ após reunião com líder sul-coreano

Os governos do Brasil e da Coreia do Sul anunciaram a criação de um grupo de trabalho com o objetivo de avançar nas negociações entre o país asiático e o Mercosul. O bloco econômico formado por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, além de outros países associados. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem, que o Brasil “retomou sua presença na Ásia” nos últimos três anos, durante o governo petista. “Restabelecemos diálogo de alto nível com as maiores economias da Ásia e aproximamos empresas e investidores”, afirmou em declaração à

imprensa após se reunir com o presidente da Coreia do Sul, Lee Jae-Myung, no Palácio do Alvorada.

Para Lula, o diálogo com a Ásia “significa se aproximar de uma das regiões que mais impulsionam o crescimento, a inovação e a transformação da economia global”. Na declaração ao lado do presidente da Coreia do Sul, Lula disse que os dois estão construindo uma “parceria mais ambiciosa e preparada para desafios do mundo”. O mandatário brasileiro afirmou ainda que o País não recebia uma visita de estado do presidente da Coreia do Sul há 11 anos.